

Novas perguntas em cada resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio

New questions in each answer: Teaching, Research and Interdisciplinarity in High School

Josei Fernandes Pereira

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí – Rio Grande do Sul
- Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8941-1604>

Mariane Moser Bach

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Ijuí – Rio Grande do Sul
- Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-7161-3363>

Resumo: O conhecimento histórico ultrapassa qualquer concepção meramente informativa, constituindo-se como uma ferramenta necessária para a compreensão da complexidade social e cultural da humanidade. Nesse sentido, educar pela pesquisa pode auxiliar na formação desse sujeito que compreende a complexidade do mundo, que tem consciência crítica, que faz elaborações próprias, que questiona com propriedade e faz do questionamento a chave para a reconstrução do seu conhecimento. Além disso, pensa-se que uma prática de sala de aula cada vez mais interdisciplinar se faz necessária, a fim de promover a construção de um conhecimento menos fragmentado e mais significativo para o indivíduo e a sociedade, e, nessa perspectiva, a pesquisa como princípio pedagógico pode apresentar contribuições importantes. O presente trabalho ocupa-se em refletir sobre a pesquisa e a interdisciplinaridade como princípios pedagógicos para o ensino-aprendizagem de Ciências Humanas no Ensino Médio. Para tanto, utiliza de revisão bibliográfica acerca do tema, fundamentando-se nos estudos de autores como Pedro Demo, Edgar Morin e Ivani Catarina Arantes Fazenda. Ademais, relata as primeiras experiências com o projeto de pesquisa “Novas perguntas em cada resposta: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade no Ensino Médio”, que se desenvolve, em parte, a partir do acompanhamento da disciplina de História em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio do Centro de Educação Básica Francisco de Assis (EFA), na qual os alunos realizam pesquisa orientada, paralelamente aos estudos formais de sala de aula, sobre a história do trabalho. Foi possível concluir que a experiência de educar pela pesquisa pode trazer bons resultados acerca da dinâmica das aulas, da construção dos saberes em Ciências Humanas, do estímulo à curiosidade investigativa e à formulação própria.

Palavras-Chave: Educação. Interdisciplinaridade. Pesquisa. História.

Abstract: Historical knowledge goes beyond any merely informative conception, constituting itself as a necessary tool for understanding the social and cultural complexity of humanity. In this sense, educating by research can help in the formation of this subject who understands the complexity of the world, which has a critical conscience, which makes its own elaborations, which properly questions and makes questioning the key to the reconstruction of its knowledge. In addition, it is believed that an increasingly interdisciplinary classroom practice is necessary to promote the construction of a less fragmented and more meaningful knowledge for the individual and society, and, from this perspective, research as pedagogical principle can make important contributions. The present work is concerned with reflecting on research and interdisciplinarity as pedagogical principles for the teaching-learning of Human Sciences in High School. For that, it uses a bibliographical review about the theme, based on the studies of authors such as Pedro Demo, Edgar Morin and Ivani Catarina Arantes Fazenda. Besides, it reports the first experiences with the research project "New questions in each answer: teaching, research and interdisciplinarity in High School", which is developed, in part, from the accompaniment of a History class of the first year of High School of the Centro de Educação Básica Francisco de Assis (EFA), in which students conduct research oriented, parallel to the formal classroom studies, about the history of work. It was possible to conclude that the experience of educating by research can bring good results for the dynamics of the classes, for the construction of knowledge in Human Sciences, for the stimulation of the investigative curiosity and for the student's own formulation.

KeyWords: Education. Interdisciplinarity. Research. History.

Introdução

Este estudo é fruto das leituras e das vivências realizadas junto ao projeto *Novas Perguntas em Cada Resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio*, que integra o *Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio (GPEI)*, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). O projeto visa ampliar a reflexão sobre a práxis do ensino-aprendizagem de História por meio de pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas, produzindo conhecimento sobre didáticas e formação de professores.

No mundo contemporâneo, marcado pelas rápidas transformações e pela grande quantidade de informação disponível e circulante, torna-se necessário pensar em abordagens que favoreçam a construção de um conhecimento histórico voltado mais às competências e habilidades do que à memorização de fatos históricos. O conhecimento histórico ultrapassa qualquer concepção meramente informativa, constituindo-se como uma ferramenta necessária para a compreensão da complexidade social e cultural da humanidade. Nesse sentido, educar pela pesquisa pode auxiliar na formação desse sujeito que compreende a complexidade do mundo, que tem consciência crítica, que faz elaborações próprias, que questiona com propriedade e faz do questionamento a chave para a construção do seu conhecimento.

Além disso, pensa-se que uma prática de sala de aula cada vez mais interdisciplinar se faz necessária, a fim de promover a construção de um conhecimento menos fragmentado e mais significativo para o indivíduo e a sociedade, e, nessa perspectiva, a pesquisa como princípio pedagógico pode apresentar contribuições importantes. O presente trabalho ocupa-se em refletir sobre a pesquisa e a interdisciplinaridade como princípios pedagógicos para o ensino-aprendizagem de Ciências Humanas no Ensino Médio.

Metodologia

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica dos principais conceitos que fundamentam o projeto de pesquisa *Novas Perguntas em Cada Resposta: Ensino, Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Médio*, apoiando-se nos estudos de autores da área da Educação, especialmente sobre pesquisa, interdisciplinaridade, ensino de História e Ciências Humanas, tais como Pedro Demo, Edgar Morin e Ivani Catarina Arantes Fazenda. Retoma, também, a leitura de documentos que orientam a educação no Brasil, entre eles: Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias; Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno IV: áreas de conhecimento e integração curricular; e Formação de professores do ensino médio, Etapa II - Caderno II: Ciências Humanas.

Ademais, relata as primeiras experiências com esse projeto que se desenvolve, em parte, a partir do acompanhamento da disciplina de História em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio do Centro de Educação Básica Francisco de Assis (EFA), que integra o complexo educacional da fundação mantenedora da universidade a qual o projeto está vinculado, na qual os alunos realizam pesquisa orientada, paralelamente aos estudos formais de sala de aula, sobre a História do trabalho. As aulas de História são ministradas pelo próprio orientador do projeto, uma vez que este também é professor na escola mencionada.

A pesquisa iniciou-se com o ano letivo, a partir da escolha individual de uma atividade profissional que despertasse o interesse ou a curiosidade do aluno. Dessa forma, o primeiro passo foi a realização de uma pesquisa inicial acerca das atividades produtivas e das características da profissão escolhida, por meio de questões como: quem faz este trabalho, quais são as suas ferramentas (meios de produção), qual é a remuneração média etc., resultando na construção de um resumo.

Em um segundo momento, após a apresentação dos resultados iniciais em forma de seminário, iniciou-se o aprofundamento sobre cada tema em perspectiva histórica: quando surgiu esta atividade produtiva, que necessidades ela buscou atender, qual foi o status social dos profissionais ligados a ela, como a tecnologia a afetou ao longo da história etc. A partir disso, cada aluno construiu a estrutura do projeto que iria executar ao longo do ano, paralelamente ao estudo da evolução histórica dos modos de produção, considerando a

importância da atividade produtiva escolhida ao longo da história e na atualidade, e estabelecendo os objetivos a serem alcançados com a pesquisa.

Sendo assim, no primeiro trimestre os alunos produziram a introdução das suas pesquisas, contendo informações iniciais sobre a atividade produtiva, a justificativa, os objetivos da pesquisa e, ainda, os primeiros questionamentos surgidos durante as apresentações. Tudo isso, considerando o debate sobre o surgimento da atividade na pré-história e nas civilizações clássicas, uma vez que esses são os primeiros estudos de história realizados na sala de aula no trimestre. No segundo trimestre a pesquisa entrou em fase de desenvolvimento, com a construção de capítulos que abrangem os principais momentos da evolução histórica da atividade profissional escolhida. Dessa forma, os alunos refletiram sobre o papel daquele determinado tipo de trabalho numa perspectiva histórica, percebendo a evolução da forma como foi desempenhado, a sua importância em contextos socioeconômicos diferenciados, o papel da tecnologia em sua atividade produtiva.

Para finalizar o trabalho, os alunos escreveram uma conclusão e refletiram sobre o papel da pesquisa como mecanismo de aprendizagem de conceitos históricos no decorrer do ano letivo. Cabe destacar, que a versão final do trabalho foi entregue dentro das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), incluindo resumo acadêmico em dois idiomas e palavras-chave. Por último, foi realizada a sistematização em forma de seminário de pesquisa sobre a História do trabalho, na qual cada aluno apresentou o resultado de sua produção aos demais colegas.

Cabe destacar que algumas aulas foram acompanhadas pela bolsista de iniciação científica, a fim de observar a produção dos alunos (trabalho escrito e apresentação oral), de perceber quais relações estes conseguem estabelecer entre a pesquisa e os conteúdos de aula (por meio das discussões que surgem durante a aula, das dúvidas que eles levantam, do que escrevem em seus trabalhos etc.), bem como, relacionar a teoria com a prática, ou seja, as bases que fundamentam a pesquisa com aquilo que efetivamente acontece em sala de aula. Para tanto, foi aplicado um questionário com questões de âmbito social, questões sobre a escolha da atividade profissional e, também, sobre a utilização da ferramenta Conecta, que consiste em um ambiente virtual de aprendizagem disponível no *website* da UNIJUÍ. Além disso, ao final do ano, foram aplicadas quatro perguntas sobre o processo de pesquisa realizado ao longo do ano, sendo elas: “O que você entende por pesquisa?”; “Em que medida a pesquisa sobre a história do trabalho contribuiu para o estudo da história econômica da sociedade?”; “A pesquisa sobre a profissão que você escolheu mudou e/ou ampliou sua visão sobre ela?”; “Depois da realização desse trabalho, você se sente mais preparado para realizar pesquisas futuras?”.

Por último, cabe destacar que alunos voluntários do Curso de História-Ead exerceram o papel de co-orientadores dos alunos, auxiliando-os com suas pesquisas por meio da ferramenta Conecta no *website* da UNIJUÍ. Sendo assim, cada co-orientador possuiu um fórum

virtual no qual orientou parte da turma, respondendo suas dúvidas e instigando-a a pesquisa. A importância da participação dos licenciandos na condução das orientações se deve tanto a possibilidade de acompanhamento individual dos alunos do projeto, e conseqüentemente de aprofundamento teórico maior das pesquisas, resultando em melhores produções, quanto pela possibilidade de aprimoramento intelectual dos próprios alunos, no sentido de realizarem simultaneamente estudos sobre diferentes temas e uma experiência docente significativa.

Tecer para compreender: a interdisciplinaridade e a formação do sujeito na complexidade do mundo

“É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo complexus: o que é tecido junto.” (Edgar Morin)¹

Ao longo da História da humanidade, nossos saberes evoluíram e multiplicaram-se de acordo com as necessidades e capacidades humanas. Do mesmo modo, as formas de constituir e organizar esses saberes se transformaram. De acordo com o Caderno IV da Etapa I do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – Áreas do Conhecimento e Integração Curricular, a ideia de um saber unitário, que pudesse explicar o mundo natural e humano, já é antiga, originando-se ainda dentro de uma consciência mítica e preservando-se durante a passagem para a consciência racional. Portanto, o currículo organizado em disciplinas já existia na tradição grega e medieval, mas os conhecimentos das partes só faziam sentido na medida em que se relacionavam ao todo. “A unidade do conhecimento desde os primeiros filósofos até meados do século XIX, foi o princípio organizador dos diferentes currículos cuja educação deveria garantir o desenvolvimento da pessoa com uma formação integral” (BRASIL, 2013, p.09).

A partir da Idade Moderna, no entanto, o homem passa a enxergar a realidade por meio de um olhar científico, tratando a existência humana com crescente objetividade, de modo que a unidade se perde, dando lugar à fragmentação. Coincidentemente, a era moderna também é o momento histórico de ampliação da especialização do trabalho e da revolução científica, que culminará mais tarde na revolução industrial, etapa histórica rica em

¹ MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

possibilidades de apreensão do conhecimento na dimensão da pesquisa proposta por este projeto.

O problema da fragmentação do conhecimento consiste na divisão das áreas do saber em disciplinas cada vez mais particularizadas, isoladas umas das outras e afastadas da existência concreta do homem, as quais buscam verdades fechadas sobre si mesmas. De acordo com Fazenda (1993, p.26), “a História do Saber é marcada pela expansão do trabalho científico; onde o prodigioso enriquecimento das variadas tecnologias de pesquisa têm por contrapartida a multiplicação das tarefas e o advento da especialização”.

Confome Santomé (1998), esse enfoque maior sobre a disciplinaridade relaciona-se, também, com o crescimento da industrialização, o avanço das tecnologias, o avanço do modelo capitalista e os processos de transformação das sociedades agrárias. “As indústrias necessitavam urgentemente de especialistas para enfrentar os problemas e objetivos específicos de seus processos de produção e comercialização” (SANTOMÉ, 1998, p. 47), de modo que surgiram muitas especialidades e subespecialidades. Esse foi um momento importante para a consolidação da figura do especialista, aquela pessoa que sabe muito de um campo científico cada vez mais delimitado.

Por outro lado, a partir do século XX é crescente a difusão do conceito de interdisciplinaridade, que consiste na interação entre duas ou mais disciplinas. Tal necessidade parece surgir do entendimento de que as disciplinas isoladas não dão mais conta da compreensão das questões do nosso mundo, uma vez que este se apresenta de forma complexa e multifacetada. Nesse sentido, segundo Santomé (1998, p. 45):

a complexidade das sociedades nas quais vivemos, a interligação entre as diferentes nações, governo, políticas e estruturas econômicas e sociais, levam a análises também mais integradas, nas quais devem ser consideradas todas as dimensões de forma inter-relacionada, integrada.

Sendo assim, a complexidade do mundo humano exige, a cada dia, um olhar também mais complexo sobre ela. Um olhar que possa capturar a imagem do todo, mas também das partes, conectando-as e articulando-as. Grande parte do desenvolvimento deste olhar acontece na escola, que abre janelas para ver o mundo. Portanto, uma prática de sala de aula cada vez mais interdisciplinar se faz necessária, a fim de promover a construção de um conhecimento menos fragmentado e mais significativo para o indivíduo e a sociedade.

A interdisciplinaridade como princípio pedagógico para o ensino-aprendizagem da área de Ciências Humanas, bem como das demais áreas do saber, aparece com frequência nos documentos que regem a educação no país. Em um dos cadernos de Formação de Professores do Ensino Médio, aponta-se que a partir da elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), são fomentadas abordagens que buscam ampliar diálogos entre os componentes da área de Ciências Humanas por meio de práticas pedagógicas e premissas avaliativas focadas na interdisciplinaridade e na

integração curricular (BRASIL, 2014). Já nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEM) – Ciências Humanas e suas Tecnologias destaca-se a necessidade de “integração e articulação dos conhecimentos em processo permanente de interdisciplinaridade e contextualização” (BRASIL, 2006, p. 07). Ainda de acordo com as OCEM (BRASIL, 2006, p. 68):

O princípio pedagógico da interdisciplinaridade é aqui entendido especificamente como a prática docente que visa ao desenvolvimento de competências e de habilidades, à necessária e efetiva associação entre ensino e pesquisa, ao trabalho com diferentes fontes e diferentes linguagens, à suposição de que são possíveis diferentes interpretações sobre temas/assuntos. Em última análise, o que está em jogo é a formação do cidadão por meio do complexo jogo dos exercícios de conhecimento e não apenas a transmissão–aquisição de informações e conquistas de cada uma das disciplinas consideradas isoladamente.

Pensa-se que por meio de uma perspectiva interdisciplinar da educação o aluno terá potencializada sua capacidade de estabelecer conexões entre os conteúdos de uma disciplina e outra, entre a teoria e a prática, bem como uma maior consciência sobre o lugar que ocupa na sociedade, e, ainda, espera-se que eleve sua capacidade de detectar, analisar e enfrentar os problemas que ultrapassam os limites de uma disciplina. O ensino interdisciplinar, portanto, visa relacionar os saberes de maneira que o aluno possa conhecer e situar-se no mundo de maneira mais completa e contextualizada. Edgar Morin acredita que “um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber os conjuntos, estaria apto a favorecer o senso da responsabilidade e o da cidadania. A reforma do pensamento teria, pois, consequências existenciais éticas e cívicas” (MORIN, 2004, p. 97).

Dessa forma, percebe-se que falar em interdisciplinaridade não é tratar apenas de organização científica, mas, para além disso, é ultrapassar essa questão e provocar mudanças nas estruturas institucionais, nas relações de ensino, na relação escola-universidade-sociedade e no projeto educacional que idealizamos, isto é, aquilo que esperamos da formação do sujeito. Nesse sentido, cabe destacar uma passagem de Santomé:

Também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democráticas e crítica. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade (SANTOMÉ, 1998, p. 45).

Portanto, a interdisciplinaridade mostra-se como uma atitude fundamental para a educação dos novos tempos, a fim de que os sujeitos que estão se formando estejam mais preparados para compreender a complexidade do mundo, enfrentar os problemas que se apresentam e as mudanças, que são constantes. Por fim, destaca-se, ainda, que de acordo

com Fazenda (1993) a interdisciplinaridade tem seu valor e aplicabilidade no momento em que se constitui como um meio de conseguir uma melhor formação geral, como meio de atingir uma formação profissional, como incentivo à formação de pesquisadores e de pesquisas, como condição para uma educação permanente mesmo após a escola, como superação da dicotomia ensino-pesquisa (para a autora, na interdisciplinaridade a pesquisa é a única forma possível de aprendizagem) e como forma de compreender e modificar o mundo.

Eis a questão: educar pela pesquisa no caminho infinito do questionamento

*“Na linguagem de Habermas, se o questionamento é a alma da ciência, qualquer resultado representa apenas um passo no caminho infinito do questionamento”
(Pedro Demo)²*

Falar em educar pela pesquisa na escola de educação básica pode parecer uma ideia ousada. Comumente, pensa-se a pesquisa como atitude fundamental apenas do ensino superior, concedendo a ela o status de “atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais” (DEMO, 2007, p. 10). Para Pedro Demo, no entanto, a pesquisa deve se tornar atitude cotidiana e a maneira escolar e acadêmica própria de educar, pois acredita que a aula copiada, o mero contato entre professor e aluno não garante a aprendizagem, não constrói nada de distintivo e, portanto, não educa mais do que outras vivências informais (DEMO, 2007).

As crianças parecem ser naturalmente dotadas de um espírito exploratório e investigativo, sendo importante não suprimi-lo. O espírito que perpassa a pesquisa é o mesmo na criança e no doutor, embora os resultados sejam diferentes. De acordo com Demo (2007, p. 10), “a distinção não está em que um é sofisticado, outro é preliminar, mas em que cada estágio se realiza dentro de seu horizonte próprio.” Dessa forma, educar pela pesquisa relaciona-se a manter a curiosidade desperta ao longo da vida.

Cabe destacar, como faz Demo (2007), que para educar pela pesquisa é necessário, primeiramente, que o professor seja pesquisador. Não se trata de fazer dele um pesquisador “profissional”, mas que tenha a pesquisa como atitude cotidiana e como princípio científico e educativo. Assim como não é possível ensinar aquilo que não se sabe, tampouco é possível despertar no outro a atitude cotidiana que não se possui e que por isso não se faz presente na sala de aula.

Atualmente, podemos perceber na nossa prática escolar diária, que a maneira com que, muitas vezes, as aulas são ofertadas (professor explica, aluno recebe informações) tem se demonstrado ineficiente em muitos aspectos. Para citar alguns, cabe dizer que tais aulas,

² DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

comumente, são percebidas pelos alunos como cansativas e desinteressantes, que valorizam mais o conteúdo a ser passado do que a construção do conhecimento pelo aluno, que ensinam a copiar e reproduzir informações, o que pode até ser válido para provas reprodutivas e vestibulares, mas não prepara o aluno para pensar por si mesmo, a elaborar com sua própria linguagem, a questionar e questionar-se. E por que se pensa que a pesquisa pode ajudar a mudar essa realidade e tornar a aprendizagem mais ativa e estimulante? Conforme Demo (2007) é pela pesquisa que o aluno poderá conseguir sair da condição de objeto para tornar-se sujeito participativo, competente, que faz elaborações próprias e que tem no questionamento reconstrutivo um desafio permanente. Questionar é duvidar, desconstruir, criticar e intervir, sendo o diferencial da ciência. Já reconstruir significa inserir interpretação própria, formulação pessoal, transformando aquilo que já está posto em um conhecimento novo. Ainda segundo Demo (2009, p.100):

Devem recuar o mero ensino, a prova reprodutiva, a condição de objeto de aprendizagem. Aos poucos, será importante introduzir a pesquisa, começando do começo. O que o aluno constrói com iniciativa própria, pesquisando em grupo e elaborando individualmente, fica para a vida, principalmente a atitude cotidiana construtiva. Neste instrumento pode fundar-se uma chance real de futuro.

Nessa perspectiva, espera-se que o aluno construa seu conhecimento de forma participativa, ou seja, não é possível permanecer apenas escutando informações prontas para reproduzi-las posteriormente, mas, pelo contrário, é necessário pensar, planejar, buscar informações, ler, sistematizar, reformular, escrever. Isso compreende, também, um permanente questionar-se. Esse questionamento necessita, por sua vez, de competência formal e política, porque pesquisar não é qualquer coisa. É um engano pensar que levar os alunos à sala de informática para colher informações em ferramentas de busca sem trabalhar com elas é fazer pesquisa. Conforme Demo (2007; 2009), a pesquisa exige qualidade formal, posto que um discurso contraditório, mal elaborado, incompleto, nega a razão metódica da ciência, uma vez que torna o texto não discutível. Ao lado da qualidade formal deve andar a qualidade política, sendo essencial compreender que o conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, precisa ainda orientar-se pela ética dos fins e valores.

Cabe lembrarmos as quatro finalidades para o Ensino Médio, definidas pela Lei 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 35: a primeira refere-se à consolidação e aprofundamento de conhecimentos que possibilitam o prosseguimento dos estudos; a segunda à preparação para o trabalho e a cidadania, para ser capaz de continuar aprendendo; a terceira é o aprimoramento do educando como pessoa humana, isto é, sua formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico; a quarta e última finalidade é a “compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina”. A partir dessas finalidades, parece ficar mais claro o que discutimos até aqui, uma vez que nossa proposta vai

ao encontro do que está posto nas Diretrizes: a pesquisa, como princípio educativo, ajuda a promover a emancipação do aluno da condição de objeto, tornando-o sujeito capaz e participativo, pois possibilita não só a aprendizagem de conteúdos, mas também o desenvolvimento de habilidades e competências, isto é, o aprender a aprender. Ademais, a pesquisa parece funcionar como um meio de promover a interdisciplinaridade, permitindo o diálogo entre as disciplinas, a contextualização dos saberes e a construção de um conhecimento mais significativo, que conceba a visão das partes e do todo. Isso tudo, em suma, constitui parte do grande desafio da formação humana integral.

No que tange ao ensino de História, a pesquisa e a interdisciplinaridade reforçam atitudes e competências que já são próprias dessa disciplina. Conforme Prats (*apud* CAIMI, 2015), alguns dos principais argumentos para justificar a presença da História na escola são: facilitar a compreensão do presente; preparar os alunos para a vida adulta; despertar o interesse pelo passado; potencializar nas crianças e adolescentes um sentido de identidade e contribuir para o conhecimento e a compreensão de outros países e culturas do mundo atual; contribuir para o desenvolvimento das faculdades mentais por meio do estudo disciplinado; introduzir os alunos em um conhecimento e no domínio de uma metodologia rigorosa, própria dos historiadores, que estimula as capacidades de análise, argumentação, comparação, inferência, formulação de hipóteses, dentre outras; por fim, enriquecer outras áreas do currículo, uma vez que a História pode subsidiar estudos em diversas disciplinas que são mais bem compreendidas se contextualizadas historicamente, em suas origens e fazeres. Por tudo isso, percebemos a grande importância da História na formação escolar e destacamos que para realizar o que a disciplina propõe é mister uma aula bem planejada, que tenha um corpo de fundamentos teóricos e uma prática pedagógica empenhada e autocrítica. Nesse sentido, pesquisa e interdisciplinaridade só têm a contribuir.

“Novas perguntas em cada resposta”: resultados e discussão

Ao analisarmos os trabalhos entregues pelos alunos ao final do ano letivo, consideramos que esta foi a primeira pesquisa com maior aprofundamento que eles realizaram, e pela primeira vez com formatação seguindo parâmetros acadêmicos. O resultado foi positivo, embora constatamos, ainda, muitas cópias literais, além do fato de que alguns alunos poderiam ter se aprofundado mais. Porém, parece-nos que o mais importante aqui é considerar o processo: foi o primeiro movimento realizado em direção a uma pesquisa científica, os alunos se esforçaram para buscar e estabelecer relações entre o trabalho/profissão escolhida e os conteúdos trabalhados em aula, ou seja, uma aproximação entre os conteúdos curriculares e as problematizações individuais suscitadas pelos próprios alunos, resultando num esforço para escrever com alguma autonomia e para adequar a formatação às normas.

Segundo Demo (2009), a pesquisa se desenvolve de forma crescente em cinco níveis diferentes: interpretação reprodutiva, a qual consiste em tomar um texto e sintetizá-lo de modo a reproduzi-lo com fidedignidade; interpretação própria, que é tomar um texto e dizê-lo com palavras próprias, isto é, fazer formulação pessoal; reconstrução; no sentido de tomar o que já existe como ponto de partida e refazer a partir de proposta própria; construção, que consiste em tomar o que existe como simples referência e abrir novos caminhos; e criação/descoberta, que é a introdução de novos paradigmas metodológicos, teóricos ou práticos. Portanto, a pesquisa realizada pelos alunos é incipiente e concorda com o primeiro e muito timidamente com o segundo nível. Demo aponta que “o aluno que vai tentar, pela primeira vez, uma pesquisa de estilo acadêmico não tem ainda condições de fazer mais que uma interpretação reprodutiva. Caberá, sobretudo, ao orientador apontar para o caráter incipiente, inicial, insuficiente deste nível” (DEMO, 2009, p. 40).

Depois de finalizado o trabalho, tomamos alguns depoimentos dos alunos sobre o que haviam realizado, por meio de quatro questões: a) O que você entende por pesquisa?; b) Em que medida a pesquisa sobre a história do trabalho contribuiu para o estudo da história econômica da sociedade?; c) A pesquisa sobre a profissão que você escolheu mudou e/ou ampliou sua visão sobre ela? Justifique; d) Depois da realização desse trabalho, você se sente mais preparado para realizar pesquisas futuras? Justifique. De uma forma geral, a primeira pergunta foi respondida definindo pesquisa como sendo a busca de informações para obter conhecimento sobre algo, coleta de dados, investigação de um assunto. Cabe destacar a resposta de uma aluna que diz: “Eu entendo que pesquisar é a forma de procurar a fundo o assunto de interesse, é buscar, questionar, duvidar e quando achar a resposta se perguntar o porquê daquela resposta. A pesquisa nos leva a pensar e leva a novos caminhos, entendo que pesquisa não é só buscar, mas sim compreender e interpretar o que foi encontrado”.

As respostas da pergunta “B”, por sua vez, giram em torno de que foi possível perceber como as profissões se relacionam, que cada profissão tem sua importância na construção da sociedade, bem como, que a pesquisa sobre as profissões permitiu um aprofundamento do estudo dos períodos históricos da humanidade, posto que era necessário compreender a evolução da profissão ao longo da História. A questão “C”, que faz refletir e comparar sobre a visão que se tinha sobre a atividade profissional antes e depois da pesquisa, teve respostas bem diversas: para alguns a pesquisa permitiu perceber que não é a área que querem seguir, ou seja, fez alguns alunos mudarem de ideia sobre seu futuro profissional, o que, sem dúvida, é algo de grande importância. Para outros, a pesquisa fez somente aumentar o desejo que se tinha em seguir determinada profissão. Além disso, enquanto parte dos alunos relataram que a pesquisa modificou o olhar sobre a profissão, outros disseram manter as mesmas perspectivas de antes, porém com maior clareza e objetividade.

A última questão relevou que todos os alunos se sentem mais preparados para realizar pesquisas futuras. Nas respostas encontramos frases como “aprofundou meu conhecimento

sobre metodologia de pesquisa fazendo ser mais interessante a busca do assunto de forma geral”; “me sinto mais preparado para realizar pesquisas com segurança e qualidade”; “compreendi como organizar corretamente um trabalho”; “a cada pesquisa realizada surge alguma dúvida ou curiosidade que nos faz pesquisar e ir muito além do que nós mesmos pensávamos”; “maneiras de como fazer pesquisa, onde procurar informações, me ajudou a escrever melhor”; “tenho ideias melhores”; “o trabalho e a apresentação me fizeram criar e me desafiar a dominar o conteúdo para apresentar, vencendo a angustia e o nervosismo”.

Por tudo isso, percebemos que o trabalho de pesquisa foi significativo à maneira de cada um, seja porque ampliou ou modificou o olhar que se tinha sobre determinada profissão, alterando, até mesmo, seu desejo sobre exercê-la, seja porque permitiu aprender a pesquisar. Parece que aí está o aspecto mais importante. Conteúdos podem até ser esquecidos, mas o aprender a aprender, aprender a pensar, aprender a pesquisar, isto desenvolve o sujeito e provavelmente fica.

A realização deste trabalho foi relevante por diversos aspectos: primeiramente, porque partiu do desejo de cada aluno, de pesquisar sobre aquilo que gosta ou tem curiosidade; em segundo lugar, provocou os alunos a saírem de sua zona de conforto durante as aulas, pois não bastava apenas captar os conteúdos passivamente, era necessário estabelecer relações com a sua profissão. Esse movimento ajudou na superação da mediocridade no que diz respeito à aprendizagem, uma vez que pensar, relacionar e elaborar exige grande esforço e, cabe lembrar, infelizmente, nem todos os alunos estão abertos a isso. Pedro Demo acredita que aquilo que o aluno constrói com autonomia, com elaboração própria, fica marcado para a vida. Sendo assim, parece que a união desses dois pontos, pesquisar sobre o que se gosta aliado à pesquisa sobre aquilo que é necessário aprender de acordo com o currículo, provoca um novo jeito de ver a História e as demais áreas do conhecimento. Ademais, outro aspecto muito interessante consiste no fato de que a realização desta pesquisa permitiu a cada aluno conhecer melhor a profissão e a si mesmo, ajudando a perceber melhor seus gostos, desejos, afinidades, auxiliando-os, assim, a decidirem seu futuro.

Considerações finais

Edgar Morin (2011) aponta que o conhecimento tem pertinência quando contextualizado, ao contrário da tendência reinante, a partir de qual a relevância do conhecimento se manifesta através da especialização e da abstração. A especialização abstrata retira o objeto de seu meio e coloca em questionamento a sua validade. O conhecimento fragmentado, mecanicista e reducionista não toma os problemas do mundo a partir de uma visão multidimensional, e, como consequência, surgem soluções que são

problemas, criações que destroem. Para Morin, a incapacidade de visualizar o contexto planetário torna a inteligência irresponsável e inconsciente (2011, p. 24).

Vivemos em uma era planetária e, portanto, necessitamos situar tudo nesse contexto planetário. Trata-se de um infinito diálogo do todo para as partes, da parte para o todo. Isto coloca um problema essencial e universal para todo cidadão: como conseguir acesso às informações sobre o mundo e como articulá-las e organizá-las. Disto trata a interdisciplinaridade, que busca a interação entre dois ou mais conhecimentos (disciplinas), para compreender o objeto sob uma ótica multifacetada e contextualizada, cabendo destacar, aqui, que essas múltiplas faces devem se inter-relacionar (e não apenas justapor-se).

As Ciências Humanas têm um papel fundamental para o desenvolvimento dessa consciência nos alunos, como implicações no entendimento sobre cultura, sociedade, história, diversidade, ética, cidadania etc. Essas poucas palavras aqui elencadas possuem um peso enorme na formação integral do sujeito. E cabe ressaltar, aqui, que o conhecimento não existe fora do sujeito. Um livro não faz nada sozinho, alguém precisa lê-lo e incorporá-lo. Por isso que ensinar não se trata apenas de transferir informações, mas de desenvolver competências e habilidades para trabalhar com o conhecimento e torná-lo pertinente.

Por último, é importante ressaltar que é pesquisando que se aprende a pesquisar. Sendo assim, os alunos do 1º ano da EFA já deram um grande passo, inclusive, muitos relataram que se sentem mais preparados para pesquisar futuramente, que a pesquisa ampliou a visão deles sobre a profissão, sobre os conteúdos da aula e sobre o fazer pesquisa. Parafrazeando Demo (2007; 2009), pesquisar significa andar de olhos abertos, ler criticamente a realidade, reconstruir as condições de participação histórica, informar-se adequadamente. Além disso, pesquisar ajuda a desenvolver habilidades importantes para o estudante do século XXI, tais como fazer elaborações próprias, argumentar, fundamentar, questionar com propriedade, propor e contrapor. Daí que pesquisar é atitude fundamental na escola, pois auxilia na formação de um sujeito competente.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno IV**: áreas de conhecimento e integração curricular. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

_____. **Formação de professores do ensino médio, Etapa II - Caderno II**: Ciências Humanas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de História**. IN: História & Ensino. v. 21, n. 2. Londrina: 2015

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Rumo ao abismo?: ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda, 1998.

Sobre os autores:

Josei Fernandes Pereira

Mestre em História Regional e Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Docente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. E-mail: josei.pereira@unijui.edu.br

Mariane Moser Bach

Mestra em Educação nas Ciências (UNIJUI); Licenciada em Letras - Português e Inglês (UNIJUI). Professora de Português e Inglês na rede pública estadual do RS; professora regente do Ensino Fundamental I na rede privada de Ijuí. E-mail: mariane.bach@gmail.com